



PARANISMO NO FLOORSCAPE CURITIBANO

Ana Claudia Malgaresi Adamante¹
Caroline Ganzert Afonso²
Alessandro Filla Rosaneli³

RESUMO

O termo paisagem vai além das intervenções ambientais de um sujeito coletivo, é “um modo de ver” o mundo, envolve também a relação em sociedade, sentimentos e emoções. A paisagem do chão da rua, em específico, centraliza o cruzamento da vivência do homem no espaço, no tempo e dos seus usos. Sendo consequentemente modificada por esses fatores que deixam uma marca, algumas vezes impressões de valores culturais de um grupo dominante. Sobre essa perspectiva o chão passa a ser interativo na criação e compreensão da identidade da cidade. Inspirado no projeto *Floorscapes* do Observatório do Espaço Público da UFPR, o presente trabalho busca investigar como as expressões iconográficas do Movimento Paranista no chão de pedras, assentadas à moda portuguesa, do centro de Curitiba têm contribuído para formalização de marcas na paisagem curitibana e quais os padrões e repetições desses símbolos no espaço público. O chão da rua mostra muito: quem somos e para onde vamos, é repleto de sinais, mensagens e símbolos que dizem muito sobre a sociedade a qual pertence.

Palavras-chave: *Floorscape*, Paisagem, Chão, Movimento Paranista.

RESUMEN

El término paisaje va más allá de las intervenciones ambientales de un sujeto colectivo, es una “forma de ver” el mundo, también involucra la relación en sociedad, sentimientos y emociones. El paisaje del piso de la calle, en particular, centraliza la intersección de la experiencia del hombre en el espacio, el tiempo y sus usos. Siendo consecuentemente modificada por aquellos factores que dejan una huella, a veces impresiones de valores culturales de un grupo dominante. Desde esta perspectiva, el terreno se vuelve interactivo en la creación y comprensión de la identidad de la ciudad. Inspirado en el proyecto *Floorscapes* del Observatorio del Espacio Público de la UFPR, este trabajo busca indagar cómo las expresiones iconográficas del Movimiento Paranista en el piso de piedras engastadas a la manera portuguesa del centro de Curitiba han contribuido a la formalización de marcas en Curitiba. paisaje y qué patrones y repeticiones de estos símbolos en el espacio público. El piso de la calle muestra mucho: quiénes somos y hacia dónde vamos, está lleno de carteles, mensajes y símbolos que dicen mucho de la sociedad a la que pertenecemos.

Palabras clave: *Floorscape*, Paisaje, Piso, Movimento Paranista.

¹ Arquiteta Urbanista e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná. anadamante@gmail.com;

² Arquiteta Urbanista, Mestre em Tecnologia e Doutoranda em Geografia da Universidade Federal do Paraná. cgarquitetura@gmail.com;

³ Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, do Programa de Pós-graduação em Geografia e do Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano da Universidade Federal do Paraná. alessandrofilla@ufpr.br.



INTRODUÇÃO

A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente [...] A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir (CALVINO, 2003, p. 11).

A partir da Nova Geografia, a paisagem passou a ser vista como um conjunto de produção e reprodução de significados. Entre as possíveis dimensões de estudo da paisagem - a morfológica, a funcional, a histórica, a espacial e a dimensão simbólica – destaca-se que essa última tem como essência de análise a interpretação de seus significados, já que é compreendida como uma forma simbólica densa de valores e memórias (BELLENTANI, 2016; CORRÊA, 2011; CORRÊA; ROSENDHAL, 1998).

De fato, a paisagem é um conceito polissêmico, que também envolve formas, composição espacial, concepção do meio natural e intervenções humanas que modificam o contexto. Porém, não se trata somente de um produto da transformação da natureza com emprego de técnicas e utensílios, pois envolve também a relação com a sociedade, sentimentos e emoções (CORRÊA, 2011; COSGROVE, 2004).

Sendo as pessoas os últimos agentes modificadores da superfície da Terra, estudar os impactos de suas ações reforça o entendimento que a paisagem é o produto de uma sociedade, ou seja, o resultado da intervenção de um sujeito coletivo ou de um grupo social (CORRÊA; ROSENDHAL, 1998; COSGROVE, 1998a; SAUER, 1997).

Cosgrove (2004) sugere que a paisagem representa uma forma específica de vivenciar o mundo, feita por e para alguns grupos sociais. Nesse meio, um grupo dominante procura comunicar e reforçar através da impressão na paisagem seu próprio papel social, sua visão da verdade, suas experiências e seus valores culturais.

Procurando refletir como as formas impregnadas no chão contribuem para a composição da paisagem urbana, o presente trabalho teve inspiração no projeto *Floorscapes*, do Observatório do Espaço Público da Universidade Federal do Paraná, cujo objetivo é o registro fotográfico de elementos da paisagem do chão dos espaços públicos, o *floorscape*. O chão da rua mostra quem somos e para onde vamos. “São verdadeiros espelhos opacos de uma dada cultura urbana”. Essa paisagem é repleta de sinais, mensagens e símbolos que dizem muito sobre a sociedade a qual pertence (OEP, 2020, 2021).



O objetivo do presente trabalho é investigar as paisagens simbólicas e seus significados contemporâneos na memória do centro histórico da cidade de Curitiba, explorando, em específico, o chão com pedras, assentadas à moda portuguesa. Intenta-se compreender a relação das expressões do Movimento Paranista com a cidade, como esses símbolos têm contribuído para formalização de marcas na paisagem curitibana e quais os padrões e repetições desses símbolos no espaço público.

Para tal, busca-se através da pesquisa de natureza qualitativa exploratória, explorar como o conceito de paisagem, dentro da Geografia Cultural, pode ser um guia para o entendimento da sua relação com a memória e o simbolismo, voltando o olhar para o chão. Em um segundo momento expõe-se o diálogo da teoria com a *práxis*, na apresentação dos resultados advindos de visita à campo e varredura digital exploratória no *Google Street View* e *Google Earth Pro*.

METODOLOGIA

Essa pesquisa se caracteriza como qualitativa, do tipo exploratória. Para conduzir essa investigação foram exploradas as paisagens simbólicas do centro histórico da cidade de Curitiba, observando em específico o chão em *petit pavet* e seus mosaicos na busca por expressões do Movimento Paranista. De modo mais específico, foram selecionadas as praças do bairro Centro que, segundo dados da Prefeitura de Curitiba, seriam 14 praças. Para essa seleção não foram considerados os espaços públicos nominados como jardins, largos ou canteiros (CURITIBA, 2018), como exposto na Figura 1.

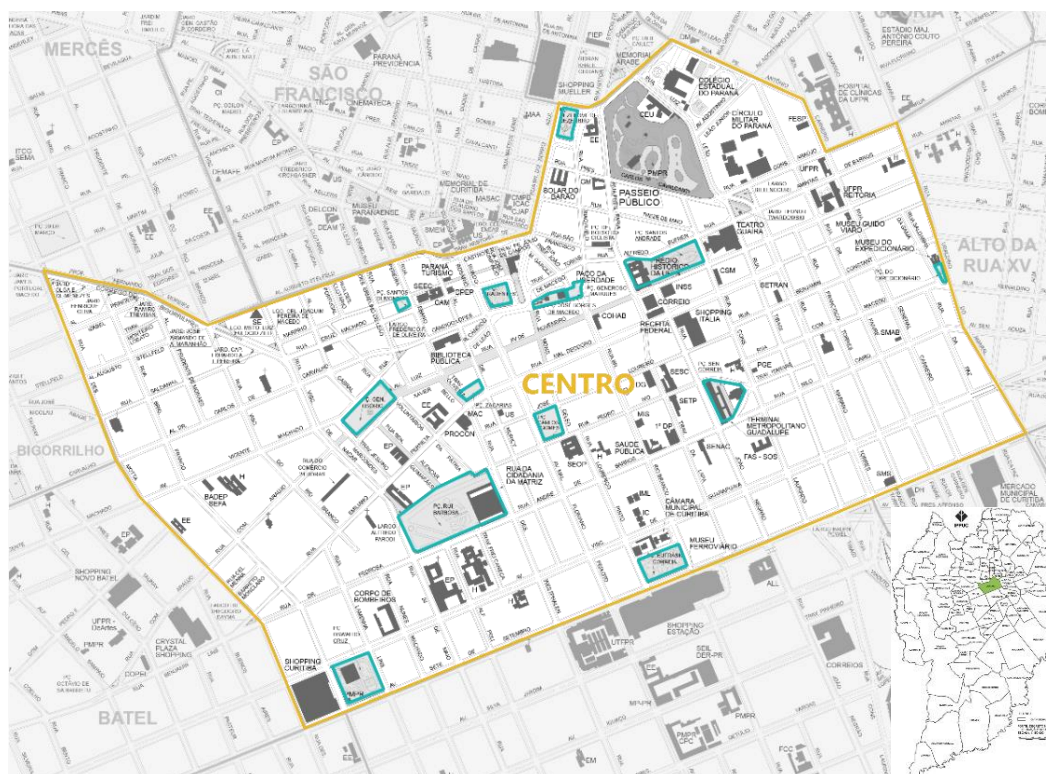


Figura 1: Mapa com destaque para o Bairro Centro, polígono laranja; em azul as 14 praças selecionadas como objetos da análise.

Fonte: IPPUC, elaborado pelos autores

Assim, o conjunto total de espaços analisados está indicado na lista abaixo:

- | | |
|--------------------------|--------------------|
| 1. Senador Correia | 8. Osório |
| 2. Carlos Gomes | 9. Zacarias |
| 3. Dezenove de Dezembro | 10. Tiradentes |
| 4. Eufrásio Correia | 11. Rui Barbosa |
| 5. Expedicionário | 12. Oswaldo Cruz |
| 6. Generoso Marques | 13. Santos Andrade |
| 7. José Borges de Macedo | 14. Santos Dumont |

A coleta de dados foi desenvolvida em dois momentos: observação *in loco* e depois varredura digital exploratória no *Google Street View* e *Google Earth Pro*. A visita *in loco* coincidiu com a primeira abordagem proposta pelo projeto *Floorscape*, onde foram selecionadas duas das 14 praças, sendo elas: Praça General Osório e a Praça Oswaldo Cruz. Nesse primeiro momento o objetivo era familiarizar-se com o objeto de análise, registrando com celular fotos e vídeos da paisagem do chão, para posteriormente revê-los e desenvolver o olhar crítico, “olhar de forma diferente, aprender a ver”, como propõe o projeto (OEP, 2020).



A partir dessa ida à campo, definiram-se os critérios para as análises das praças:

- 1) Se a praça possui reminiscências de elementos paranistas
 - a) Se sim, dentro da praça ou no entorno
- 2) Quais temas do paranismo foram encontrados
 - a) Pinhão, pinha, araucária ou estilizado
- 3) Quais os usos no entorno da praça analisada e que possam justificar a permanência dos elementos paranistas
- 4) Quais as possíveis razões para a permanência do movimento paranista
 - a) Rua de conexão (ligação a uma praça, edifício ou outro elemento urbano de grande atração, seja ele por quaisquer motivos, a serem desvendados)
 - b) Patrimônio Edificado

O segundo momento da pesquisa trabalha a aplicação desses critérios na observação de cada praça. Para acesso às imagens de satélite desses espaços, assim como para percorrer as ruas dos entornos e os caminhos das praças, utilizou-se as plataformas digitais *Google Street View* e *Google Earth Pro*. Dessa forma foi possível verificar a presença ou ausência e temática dos símbolos iconográficos na paisagem do chão, bem como os usos das edificações do entorno imediato.

Além disso, também foram levantados os equipamentos urbanos de patrimônio histórico edificado no entorno das 14 praças, através do mapa interativo, sobre a base cadastral de Curitiba, disponibilizada pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC, 2018).

Visando sintetizar os critérios de análise elaborou-se um quadro com colunas e linhas, onde foram inseridas as imagens de satélite com as informações levantadas de forma visual. As praças se encontram em coluna e os respectivos dados em linhas. O comparativo de todos os dados possibilitou a análise na busca de responder como esses símbolos têm contribuído para formalização de marcas na paisagem curitibana? Quais os padrões e repetições desses símbolos no espaço público?

A PAISAGEM SIMBÓLICA DO CHÃO

Paisagem é um termo complexo, que envolve formas, composição espacial, concepção do meio ambiente e intervenções humanas que modificam o contexto. Porém, não se trata somente do produto da transformação da natureza com emprego de técnicas



e utensílios, envolve também a relação em sociedade, sentimentos e emoções (CORRÊA, 2011; COSGROVE, 2004).

Bellentani (2016) resume a paisagem como uma forma de representar e estruturar o mundo. O homem, tido como ator, confere valores simbólicos à paisagem através de representações textuais, as quais podem ser lidas como um texto.

A paisagem pode ser considerada poema, ou texto, onde os acontecimentos humanos ao longo da história são escritos, “é logos, discurso da memória, da história e da cultura, e, como tal, paradigma de valores éticos e estéticos”. Andreotti ainda afirma “a paisagem exprime o homem, mas ao mesmo tempo faz o homem” (ANDREOTTI; FURLANETTO, 2012, p. 07).

Para compreender os múltiplos *patamares de significados* que permanecem na paisagem, é necessário um exame da cultura que registrou tais manifestações e o conhecimento de suas origens, pois é nas origens da paisagem que compreendemos o processo histórico e as suas estruturas, dentro do discurso sobre cultura e sociedade. Além da capacidade de imaginação em incorporar a memória da cidade no espaço e no tempo em que a paisagem foi moldada (ABREU, 1998; COSGROVE, 1998b, 2004).

Através de suas pistas materiais, a paisagem mostra seu caráter histórico. Esses “traços fósseis” como chama Meneses (2002), permitem compreender as suas sucessivas expressões na paisagem ao longo do tempo até sua formação social nos dias de hoje. Esse caráter histórico da paisagem se relaciona também com os usos que foram atribuídos a ela ao longo da sua história, inclusive, é aí que se encontram os significados densos e profundos da paisagem. Para Fernand Braudel, a paisagem é mais do que um *palimpsesto*⁴, são cicatrizes que devemos carregar e conservar na pele. Da mesma forma Ingold (2015) compara a sobreposição de produção e reprodução de significados culturais da paisagem à um *palimpsesto*:

[...] a paisagem tende a ser considerada como uma superfície material que tenha sido sequencialmente formada e reformada ao longo do tempo [...] a superfície da paisagem deveria, portanto, apresentar-se como um palimpsesto para a inscrição da forma cultural. (INGOLD, 2015, p. 90)

⁴ manuscrito em pergaminho com escritas superpostas (MENESES, 2002).



A Geografia Cultural leva em consideração essas pistas materiais e a investigação dos vários estratos culturais de uma área, cada estrato ou *marca*, espelha uma cultura. A ideia de imprimir uma *marca* na paisagem surge com Berque (2012). Ele considera que a paisagem existe em relação com um sujeito coletivo e apresenta seu duplo papel, em que ela pode ser uma *marca*, mas, também uma *matriz*.

Quando Berque (2012) fala em *paisagem marca*, ela está relacionada a uma grafia, ou ainda a geo-grafia, vista como a escrita da Terra por uma civilização. Essa *marca* é resultado dos processos culturais do sujeito coletivo/sociedade. A *paisagem matriz* é tida como meio, que participa das relações entre a sociedade com o espaço e a natureza.

A paisagem é uma “*way of seeing the world*” (COSGROVE, 1998a, p. 13), é a construção e a composição desse mundo externo envolvido pela vivência do homem. Cosgrove ainda sugere que a paisagem representa uma forma específica de vivenciar o mundo, feita para alguns grupos sociais. Onde um grupo dominante procura comunicar e reforçar através da impressão na paisagem seu próprio papel social, suas verdades, suas experiências e seus valores culturais. O propósito é impor as normas culturais e reproduzir os valores do grupo em questão à toda a sociedade (COSGROVE, 1998, 2004).

As interpretações dos textos da paisagem para Bellentani (2016) podem ser feitas de várias maneiras, variam conforme as experiências de vida, os valores pessoais, o conhecimento cultural de cada leitor. Elas podem se distinguir entre grupos de leitura, entre leitores e autores. Independente do propósito do autor e das interpretações dos leitores, os textos de paisagem possuem seu próprio significado.

Duncan (1988) traz que os textos da paisagem são um espaço em que o leitor se torna escritor, podendo vagar e divagar por um processo longo e interminável, onde o leitor é encorajado a deleitar-se, esculpindo, produzindo e reproduzindo os textos na paisagem.

Nesse sentido a construção de uma identidade, muito está relacionada com percepção de uma paisagem comum (seja ela natural ou construída). E esta identidade se estrutura em elementos comuns de uma coletividade, construídos a partir de vários elementos, sendo um deles a paisagem. Estes elementos podem interagir coletivamente ou individualmente com os sujeitos, mas ao final das experiências, permeiam uma memória constituída de elementos comuns. Como supõem Halbwachs (1990, p.53; 87; 132-133):



A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis [...]

O grupo, no momento em que considera seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo. [...] De fato, as formas dos objetos que nos cercam têm muito esta significação. [...] Se não falamos, entretanto os compreendemos, já que têm um sentido que deciframos familiarmente.

Portanto, a paisagem simbólica, além de contribuir para esta leitura de construção de identidade, também pode ser entendida como um texto a ser revelado. Como propõem Cosgrove (1985) a paisagem é “um modo de ver”. A proposta de Cosgrove é de ampliar as discussões sobre paisagem e representações e suas conexões entre a imagem pictórica e a visão mais geral, desta forma favorecendo o intercâmbio da geografia e outras disciplinas, enriquecendo a compreensão sobre meio ambiente, cultura e significado. Deste modo objetivando revelar e interrogar algumas maneiras que a Terra (e além dela) foi imaginada e representada como lugar de habitação humana através de imagens gráficas. Neste sentido, o geógrafo descreve:

(...) O que une a categoria é a capacidade de tais imagens representarem a visão geográfica no duplo sentido de comunicar conhecimento de testemunhas oculares e interpretação das realidades geográficas, e de transmitir as formas e ideias, as esperanças e os medos que constituem as geografias imaginadas. Em ambos os modos de cognição geográfica, e em suas interações constantes, as imagens gráficas e pictóricas desempenham papéis ativos e criativos que tomam o significado da representação muito além da mera transcrição de fatos espaciais e ambientais (...) (COSGROVE, 2008, p. 3).

Para Besse (2013, p. 46), “A paisagem é uma espécie de geografia afectiva que repercute os poderes de ressonância que os locais têm sobre a imaginação. A paisagem é, antes de mais nada, da ordem da experiência vivida, no plano da sensibilidade corporal”. Para compreender os significados na paisagem, é necessário envolvimento emocional



com a paisagem. Trata-se de uma experiência polissensorial, é dessa forma que o homem habita o mundo, utilizando todos os sentidos para revelar a paisagem.

Ingold (2015) diz que a partir do momento que o homem se torna bípede começa a criar paisagens, organiza o território, seguindo o mesmo pensamento, Careri (2013, p. 29) afirma que o homem se torna ser humano a partir do momento que se torna bípede e que “foi caminhando que o homem começou a construir a paisagem natural que o circundava”. É através do caminhar que as paisagens urbanas são interpretadas e desveladas, e ainda, compreendidas como “espaço vivido”. Uma forma de habitar o mundo é fazer isso de forma dinâmica, em movimento, construindo paisagem.

É através do caminhar que os sujeitos podem atribuir ao chão diferentes significados espaciais e urbanos, sendo assim, passível de nomeação, significação e pertença. A paisagem do chão é a conexão física e emocional da cidade com seus transeuntes, os quais imprimem valores emocionais e relacionais com ela. Trata-se da identidade urbana resultante das inter-relações históricas, formais e do habitar. É o espaço coletivo do habitar a cidade, onde encontra-se o dinamismo das atividades e as infraestruturas urbanas (OLIVEIRA, 2011).

A sociedade inscreve na paisagem do chão a cultura que nos representa, por isso a importância de compreender os símbolos que o chão emana. A relação cultural entre a os significados inscritos e o chão das nossas cidades devem ser desvelados com o olhar.

O chão em que se pisa faz parte do cotidiano de todos, embora muitas vezes passe despercebido e não ganhe o interesse da percepção e reflexão sobre o que pode contar. Conceitualmente o chão entendido como pavimento, espaço como meio para a vivência de um sujeito, de uma ação e a sua experiência individual, pode ser uma janela para várias histórias e memórias (OLIVEIRA, 2011).

Podemos provar o chão de outras formas, como usando os olhos, porém o diálogo aqui se coloca com o além do ver o chão de forma descuidada, trata-se de olhar o chão, o ver atentamente. Isto porque o “habitar a cidade moderna é habitar um ambiente que já está construído” (INGOLD, 2015, p. 84).

Contudo, é um espaço de interação que permeia as experiências cotidianas de várias maneiras, segundo Besse (2013, p. 46) “contra a fobia moderna do contacto com o mundo e com os outros, a paisagem afirmaria o papel central das experiências sensoriais na fabricação das identidades sociais e territoriais”. Sobre essa perspectiva o chão passa a ser interativo na criação da identidade da cidade



O MOVIMENTO PARANISTA

O Movimento Paranista desenvolveu-se em meio a um contexto histórico de consolidação de Curitiba como a capital do Estado do Paraná (1854), que havia se emancipado de São Paulo. Neste cenário uma série de intelectuais contribuíram para uma discussão de elementos que afirmassem a identidade cultural do estado. Liderados por Romário Martins⁵, o movimento estava “em busca da ordem, rumo ao progresso, através da bondade e da justiça” (BUENO, 2009, p. 15).

Romário Martins então cunha o termo Paranismo, segundo Camargo (2007, p. 157) como uma analogia à expressão paulista, mas designando como um sentimento de afeição à terra paranaense. E para que houvesse este sentimento reificado foram elencados símbolos que caracterizassem peculiaridades do estado. E entre estes elementos, foram escolhidos o pinheiro, árvore típica encontrada na região, e seus derivados.

Para a difusão destes elementos foram veiculados em revistas, desenhos e aplicações destes símbolos, sejam em produções gráficas (como a própria revista) ou em elementos como os desenhos de calçadas. E estes elementos permeiam ainda hoje a paisagem da cidade.

Depois de uma longa busca pela base ideológica, o Paranismo se consolidou como um movimento na década de 1920. O Centro Paranista foi fundado sete anos depois, onde o manifesto intitulado “Paranismo” foi publicado por Romário Martins (PINTO; MIZANZUK, 2016).

SIMBOLISMO PARANISTA: O QUE ESCONDE OS SÍMBOLOS ESTAMPADOS NA PAISAGEM DO CHÃO CURITIBANO

⁵ Considerado o idealizador do Movimento Paranista, foi um dos atores mais relevantes para os intelectuais e artistas paranaenses. No seu percurso, dedicou-se a divulgação da cultura do Estado do Paraná, sendo um dos fundadores, em 1900, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, e principal fundador, em 1927, do Centro Paranista. Dedicou-se à pesquisa documental e à elaboração de leis, dentre elas, a da criação da Bandeira e do Brasão do Estado do Paraná e a da proposição da data de 29 de março para o aniversário da cidade de Curitiba (SALTURI, 2014).



Na busca pelos elementos da cultura local tiveram importância para a escolha as discussões entre Lange de Morretes, João Ghelfi e João Turin. Após vários encontros, eles criaram o que chamaram de:

(...) forma geométrica de representação da semente da árvore considerada símbolo do Estado[...]. Essas representações também se deram através de projetos e obras de pintura, desenho, escultura, artes gráficas, arquitetura e design de moda, mantendo diálogo com os estilos e as linguagens dos movimentos artísticos europeus (SALTURI, 2009, p. 9).

Cabe salientar que estavam em uso as linguagens Art Nouveau e o Art Déco, que influenciaram muito das representações destes símbolos.

A partir do estudo dessas formas geométricas se daria origem à estilização Paranista, como analisam Pinto e Mizanzuk (2016), através de elemento decorativo, tendo suas aplicações em móveis, molduras, revistas e adornos arquitetônicos. Desse modo a estilização passou a ser urbana e passa a reforçar a ideia de que o Paranismo, pode ser apresentado com uma nova aparência.

É possível reconhecer a força dos símbolos Paranistas e o legado da produção artística iniciada pelos artistas no começo do século XX deixados ao longo do tempo. Esses símbolos dentro do Paraná e, principalmente na capital, foram adotados para variadas funções como modelos ecológicos e planos urbanísticos.

O movimento paranista foi relevante na construção deste imaginário identitário paranaense, embora muito criticado pela elitização e branqueamento social que se propunha no movimento dos anos 1920. E, atualmente, observa-se que os motivos paranistas são utilizados como instrumento de espetacularização de um passado romantizado, classicizante e heroico, opinião parcialmente corroborada por Batistella (2012, p. 11-12).

Contudo, este movimento deixou muitas marcas. Diversas calçadas da cidade, em especial da região central, próximas a marcos arquitetônicos e praças, como aquelas analisadas neste estudo, mantiveram o desenho de inspiração nos elementos paranistas,



tais como pinhões, pinhas, araucárias e abstrações destes elementos. Como o tópico a seguir analisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As praças para Lousada (2008) são “espaços urbanos por excelência”. Objeto e sujeito da cidade, e conseqüentemente da sua paisagem simbólica, física e humana, onde a relação entre a forma física e a atividade humana criam a paisagem com “múltiplos patamares de significado”. São produzidas, representadas e vividas, refletindo a cultura e os símbolos de cada época da vida urbana (LOUSADA, 2008).

Na cidade de Curitiba, o desenvolvimento econômico despertado com a emancipação política do Paraná teve as primeiras evidências na busca por elementos que refletissem o contexto modernista da época. Na perspectiva urbana, desde o final do século XIX até as últimas década de 1910, as praças curitibanas, até o momento tidas como “grandes campos sem atrativos”, passaram por uma série de intervenções visando além do embelezamento da cidade, melhorar a malha urbana e atender à preocupações sanitaristas. O novo modo de pensar o urbanismo, refletiu na valorização das áreas verdes e conseqüentemente das praças curitibanas. Dessa forma, a praça passa a ser vista como local de encontro e lazer, cenário de eventos culturais, militares e festividades cívicas (BAHLS, 1998).

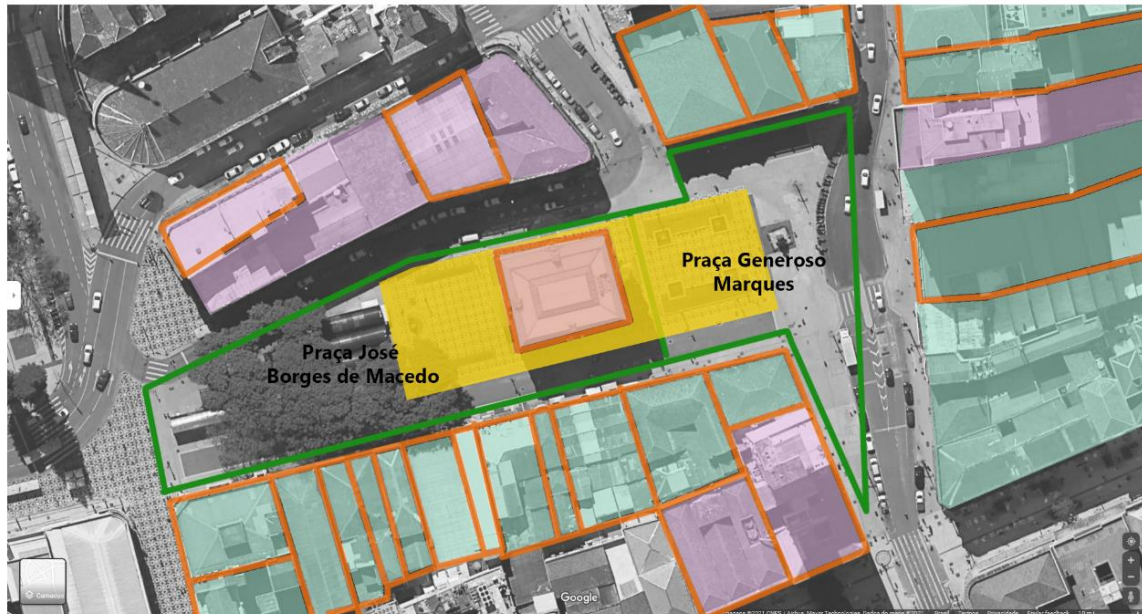
Nos dias de hoje as praças do Centro são um dos principais destinos, de curitibanos e de turistas, devido à concentração de comércio e serviços em seu entorno. Algumas delas, ao longo das várias intervenções urbanas, sofreram a inserção de terminais de transporte ou pontos de ônibus, como por exemplo, as praças Rui Barbosa, Carlos Gomes, Santos Andrade e Eufrásio Corrêa (RIBEIRO, 2019).

Na atualidade, as praças dos centros históricos, deixaram de serem vistas como lugares e convertidas em cenários de consumo estético impregnados de memórias, deixando de serem lugares de encontro, lazer e convívio. A dinâmica desses espaços públicos tem sido destinada mais às experiências do turista do que à vivência dos moradores da cidade (LOUSADA, 2008).

Esta pesquisa se propôs a analisar as reminiscências do paranismo nas calçadas do Bairro Centro curitibano. Neste contexto, destacaram-se 3 praças com a aplicação dos

motivos paranistas: Generoso Marques e sua continuação com a Borges de Macedo, a General Osório e a Santos Andrade. Todas apresentadas a seguir.

As Praças Generoso Marques e Borges de Macedo se encontram próximas ao Marco Zero de Curitiba. O destaque (3a) ficou com a estilização do motivo paranista: uma vista superior da árvore da araucária, que trabalha com os cheios e vazios de sua visualização superior (3b), como mostram as imagens a seguir.



- | | | | | |
|--|--------------------------------|-------|--|---------------------|
| | Patrimônio Histórico Edificado | Usos: | | Misto |
| | Perímetro da praça | | | Comercial Serviço |
| | Paranismo | | | Institucional |
| | Outra temática | | | |

Figura 2: Praça Generoso Marques e José Borges de Macedo, petit pavet com abstração de araucárias vistas de cima em toda a extensão das praças. Uso institucional do Museu, entorno misto de comercial, serviço e residencial.

Fonte: *Google Street View*, adaptado pelos autores



Figura 3: a) Vista da calçada da Praça Generoso Marques, detalhe para a temática abstrata da araucária vista de cima, b) A calçada segue até a para a porta de acesso ao Museu.

Fonte: Acervo Caroline Ganzert Afonso (2018)





A justificativa para este desenho de piso encontra-se na Praça que acomoda o Paço Municipal, um edifício tombado pelo IPHAN, e que foi sede da primeira prefeitura da cidade. O desenho de piso foi implantado quando houve a restauração do edifício e do entorno, mas manteve a simbologia paranista (com temática estilizada da araucária), destacando o patrimônio edificado.

A praça seguinte é a General Osório, onde é possível observar a delimitação completa da praça repleta de elementos paranistas (que não se concentram apenas nas calçadas, mas avançam também ao mobiliário urbano). Nesta praça foi possível observar a predominância do uso de pinhões, utilizados individualmente, ou em forma de rosácea (Figuras 4 e 5).



- | | |
|----------------------------------|-----------------------|
| — Patrimônio Histórico Edificado | Usos: |
| — Perímetro da praça | — Misto |
| — Paranismo | — Comercial Serviço |
| — Outra temática | — Institucional |

Figura 4: Praça General Osório, assentamento à moda portuguesa com ornamentação temática de araucárias e pinhões. Entorno floral estilizado remetendo à araucária e símbolos militares (espada). Uso entorno comercial, serviço e residencial.

Fonte: *Google Street View*, adaptado pelos autores



Figura 5: Vista da calçada da Praça General Osório: a) acesso à praça pedras portuguesas brancas e pretas formam as pinhas no eixo do percurso e nas faixas laterais a utilização do pinhão. O próprio pórtico remete ao parismo com a ideia de uma araucária. b) detalhe para rosácea, em pedras brancas e vermelhas, com vários pinhões no seu desenho, ao centro o relógio da Praça Osório.

Fonte: Acervo Caroline Ganzert Afonso (2019)

A motivação observada para a preservação do calçamento paranista se tem como hipótese a relevância da praça para atividades culturais típicas da cidade, como as tradicionais feiras de inverno (onde vários produtos típicos são comercializados, incluindo o pinhão em diversas receitas), Páscoa e Natal que ocorrem nela. A permanência dos desenhos paranistas ressalta a identidade da praça com o imaginário regionalista da paisagem natural da cidade.

Além disto, a praça é um dos marcos (inicial ou final) da Rua XV, importante eixo comercial do centro de Curitiba e paisagem urbana tombada como patrimônio histórico edificado. A intervenção urbanística ocorrida na rua nos anos 1970, com o fechamento da via para circulação de veículos, tornaram a cidade um marco das ações públicas sobre o espaço curitibano. Amplamente fotografada por ocasião do calçamento, as reminiscências paranistas ainda são uma constante neste trecho urbano que se inicia (ou conclui) na Praça Santos Andrade.

Por fim, a última praça analisada foi a Santos Andrade, cujo destaque está na presença da sede histórica da Universidade Federal do Paraná. Todo o trecho de calçamento do entorno desta edificação, eleita como um dos símbolos da cidade, contém elementos paranistas (Figura 6).



Figura 6: Praça Santos Andrade, assentamento de *petit pavé* com temática de pinhão e araucária no seu interior e entorno, o qual apresenta uso institucional, comercial e misto.
Fonte: *Google Street View*, adaptado pelos autores

Tem-se como hipótese que a permanência dos elementos paranistas nesta praça seja decorrente da presença do patrimônio edificado e a relevância dele no contexto de consolidação da identidade curitibana. Além de ser parte do conjunto paisagístico urbano tido como patrimônio cultural, como exposto anteriormente, com extensão compreendida da Praça Osório até a Praça Santos Andrade.

Seguindo essa mesma lógica de análise, o quadro a seguir sintetiza de forma visual os critérios estudados nas 14 praças selecionadas:



PRAÇA	MAPA	PARANISMO		TEMA DO PARANISMO NA PRAÇA				USOS PREDOMINANTES			RAZÃO DO PARANISMO	
		PRAÇA	ENTORNO	PINHÃO	PINHA	ARAUCÁRIA	ESTILIZADO	MISTO	COMERC.	INSTIT.	RUA DE CONEXÃO	PATRIMÔNIO EDIFICADO
CARLOS GOMES			X	X					X	X	X	
DEZENOVE DE DEZEMBRO								X	X	X		X
EUFRÁSIO CORRÊIA			X	X					X	X	X	
EXPEDICIONÁRIO		X			X	X		X		X		X
GENEROSO MARQUES JOSÉ BORGES DE MACEDO		X					X	X	X		X	X
GENERAL OSÓRIO		X		X	X			X	X	X	X	X
RUI BARBOSA			X	X	X			X	X		X	
OSWALDO CRUZ			X	X				X	X		X	
SANTOS ANDRADE		X		X	X				X	X	X	X
SANTOS DUMONT			X	X					X	X	X	
SENADOR CORREIA			X		X	X		X	X		X	
TIRADENTES			X	X		X	X	X	X		X	
ZACARIAS			X		X	X		X	X	X	X	

Quadro 1: Síntese visual dos critérios determinados para análise das praças (verde), reminiscências do paranismo (amarelo), outra temática impressa no chão (azul) e patrimônio histórico edificado (laranja).
Fonte: Google Street View, Google Earth Pro e IPPUC, elaborado pelos autores.



A partir do que foi exposto no quadro acima, destaca-se que a maioria das praças analisadas possuem calçadas com motivos paranistas no seu entorno. E quando isto ocorre, são em ruas que conectam a outras praças ou áreas onde estão o patrimônio edificado da região central de Curitiba. E para a marcação destes espaços foram utilizados, essencialmente, a temática do pinhão estilizado (individual ou em forma de rosácea).

Também se questionou o uso do entorno da praça para verificar se havia alguma edificação relevante ou de importância civil ou institucional, a fim de justificar a reminiscência destas calçadas. E verificou-se que a maioria ocorre com entorno residencial ou misto (residencial e comércio/serviço).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem do chão pode imprimir o cruzamento da vivência do homem no espaço, no tempo e do uso, como consequência é moldada por esses fatores que deixam uma *marca*, uma mensagem. A interpretação desta *marca* ou a leitura deste texto pode ser fundamental para compreender a identidade de uma cidade.

Observa-se que a relação existente dessas reminiscências no *floorscape* curitibano contribuem para o fortalecimento da identidade regionalista. Lousada (2008) afirma que para construir e compreender o carácter identitário de um território é necessário interpretar a dimensão simbólica e cultural da sua paisagem.

Ao mesmo tempo, é possível também afirmar que são *marcas*, muitas vezes onipresentes – chão, mobiliário urbano, letreiros, logos, etc. - deixadas junto a intervenções urbanísticas da cidade de Curitiba na busca de “impor” essa identidade Paranista, essa ideia de pertença à um grupo cultural que uniria todos seus moradores.

Bellentani (2016) indica que a paisagem expressa os significados de grupos de elite, suas necessidades e interesses. Dessa forma, a paisagem pode ser vista como instrumento utilizado para construir e controlar sua autoridade sobre a sociedade. Como identidade de grupos dominantes ou nações, a paisagem tem papel crucial como instrumento para a imposição dessas identidades.

A presença dos símbolos iconográficos do Movimento Paranista na paisagem do chão das praças do Centro de Curitiba, são estrategicamente posicionados, sobretudo, em



vias de conexão com pontos referenciais ou marcos urbanos. Tratam-se de espaços públicos com grande fluxo de pedestres, sejam eles moradores ou turistas. Por fim, como defende Cosgrove (2004), pode-se afirmar que muitos simbolismos impressos na paisagem comunicam valores culturais de um grupo dominante.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras- Geografia I**, Porto, v. XIV, p. 77–97, 1998.
- ANDREOTTI, Giuliana; FURLANETTO, Beatriz Helena. O senso ético e estético da paisagem. **RA'E GA**, Curitiba, v. 24, n. 24, p. 5–17, 2012.
- BAHLS, Aparecid Vaz da Silva. O verde na metrópole: a evolução das praças e jardins em Curitiba. Curitiba, 1998.
- BELLENTANI, Federico. Landscape as text. **Concepts for Semiotics**, Tartu, p. 76–87, 2016. Disponível em: <http://orca.cf.ac.uk/96406/>.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 239–243.
- BESSE, Jean-Marc. Estar na paisagem, habitar, caminhar. In: CARDOSO, Isabel (org.). **Paisagem Patrimônio**: Porto: Dafne Editora, 2013.
- BUENO, Luciana Estevam Barone. **O paranismo e as artes visuais**. Florianópolis.
- CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 7–21, 2011.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Apresentando Leituras sobre Paisagem, Tempo e Cultura. In: **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 7–11.
- COSGROVE, Denis. The idea of landscape. In: **Social formation and symbolic landscape**. 2. ed. Wisconsin: University of Wisconsin, 1998. a. p. 13–38.
- COSGROVE, Denis. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 5–29, 1998. b.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte. Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92–123.



CURITIBA, Prefeitura De. **Praças - Regional Matriz - Centro**. 2018. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/pracas-regional-matriz-centro/410>. Acesso em: 15 jul. 2021.

DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. (Re)reading the landscape. **Environment and Planning D: Society and Space**, Vancouver, v. 6, n. 1983, p. 117–126, 1988.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. **Mapa cadastral**. 2018. Disponível em: <http://geoapp.ippuc.org.br/equipamentosurbanos/>. Acesso em: 20 set. 2021.

LOUSADA, Maria Alexandre. Praça e sociabilidade: práticas, representações e memórias. In: FARIA, Miguel Figueira De (org.). **Praças reais: passado, presente e futuro**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra De. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 29–65.

OEP, Observatório do Espaço Público. **Floorscapes #01**. 2020. Disponível em: <https://www.observatoriodoespacopublico.com/floorscapes-expo>. Acesso em: 22 out. 2021.

OEP, Observatório do Espaço Público. **Floorscapes #02**. 2021. Disponível em: <https://www.observatoriodoespacopublico.com/floorscapes-expo>. Acesso em: 21 out. 2021.

OLIVEIRA, Francisco Nascimento. Chão da cidade: permanência e transformação. De metáfora a impressão digital da cidade. **Revista Proyecto, Progreso, Arquitectura**, Sevilla, v. 4, p. 138–151, 2011.

PINTO, Nyanne Cristhine; MIZANZUK, Ivan Alexander. O Design na construção identitária do Paraná. **ANAIS DO XI EVINCI**, Curitiba, 2016.

RIBEIRO, NATHÁLIA VANESSA OENNING. A praça na cidade contemporânea : análise espacial em Curitiba-Pr. Curitiba, 2019.

SALTURI, Luis Afonso. Paranismo, movimento artístico do sul do Brasil no início do século XX. **Periféria**, Barcelona, 2009.

SALTURI, Luis Afonso. O Movimento Paranista e a Revista Ilustração Paranaense. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 43, p. 127–158, 2014.

SAUER, Carl O. Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, p. 1–7, 1997.